

## ANORMALIDADES

Dois jornalistas, e dos melhores, foram nomeados para cargos importantes. Odylo Costa Filho vai para a Agência Nacional, substituir Genolino Amado, que ali se houve com a correção e a eficiência próprias dele e dos Amados. Por sinal que sábado pela manhã essa nomeação, noticiada em todos os jornais, não estava confirmada; Odylo, pelo telefone, me disse não ter recebido convite nenhum. Seja ele — que seria excelente — ou outro, o estimável é que o novo diretor mantenha e, se possível, aperfeiçoe os serviços úteis que a Agência presta, e acabe com os inúteis. Entre estes está a "Voz do Brasil", que é a meia hora do governo, que todas as estações são obrigadas a transmitir gratuitamente. Não há motivo para que durante meia hora — e precisamente das sete e meia às oito da noite, quando a maioria da população está em seus lares — o público seja obrigado a ouvir informações oficiais ou a desligar o rádio. As notícias de interesse são dadas pelos jornais falados comuns. Se a imprensa dá o noticiário oficial sem nenhuma remuneração, e espontaneamente, por que não o farão também as estações de rádio? A "Voz do Brasil", é uma sobra da famigerada "Hora do Brasil", que convém liquidar, e não fará falta alguma.

Leio também que Marcial Dias Pequeno vai ser o novo Superintendente das Empresas Incorporadas ao Patrimônio da União. Jornalista de longa tarimba e homem de traquejo administrativo, o antigo ministro do Trabalho concordará comigo em que o ideal, a respeito dessas empresas incorporadas será... desincorporá-las. Isso pelo menos no que se refere à Rádio Nacional, ao jornal "A Noite" e às suas revistas. Não há motivo algum para que o governo seja proprietário desses órgãos de publicidade, que fazem concorrência indebita às empresas particulares. Que elas tenham ido parar nas mãos do governo, entende-se. Que ele há tanto tempo as conserve e opere é que não se entende, a não ser por um desses absurdos e maus costumes de nossa vida pública. Se a poderosa Rádio Nacional fosse um instrumento de educação popular como a pobre Rádio do Ministério da Educação, está certo que ela continuasse em mãos oficiais. Mas não: ela aje como uma estação comum, em bases comercialíssimas, com programas destinados a agradar aos anunciantes; fora disso o que tem de especial são despesas insensatas, motivadas pelos inevitáveis pistolões.

Não seria mais correto e mais limpo vender essa estação, se não se pensa na possibilidade, devido a seus contratos e compromissos, de transformá-la em um instrumento de educação do povo?

O mesmo se entende com "A Noite" e "Carioca", "A Noite Ilustrada", publicações inevitavelmente híbridas, querendo funcionar com o interesse jornalístico de empresas comuns, mas presas às conveniências e restrições próprias de tudo que é do governo. São anormalidades, que precisam desaparecer. Creio que isso é o que deve tentar fazer Marcial Dias Pequeno, cuidando — isso não seria preciso dizer a ele, velho profissional — de proteger da melhor maneira os direitos e interesses de todos os empregados.

O sr. João Café Filho não terá tempo de fazer grande coisa em seu governo, de prazo muito curto. Será bom que pelo menos ele faça algumas dessas operações de limpeza e normalização de nossa vida democrática.

29/8/54

R. B.